

# JAIIME WELSH



# FABRICAÇÕES INTERNAS

Há algo de desconcertante nas fotografias de Jaime Welsh. Algo que se vai infiltrando subtilmente algures no subconsciente de quem as olha e que, de repente, se torna inescapável. Sentimos um perigo, uma ansiedade, ou talvez apenas um desconforto perante as suas imagens perfeitamente equilibradas, belas, simétricas e encenadas. Elas propõem uma convergência entre a ficção e a realidade que destabiliza as interpretações e, ao mesmo tempo, carregam em si uma dimensão psicológica que é quase palpável. As suas imagens desafiam a nossa experiência enquanto espectador. A neutralidade simulada, a aparência de normalidade, dá lugar à ansiedade, como se algo de sinistro estivesse para acontecer, no momento seguinte à imagem ter sido capturada.

Afirma o artista que uma certa estética cinematográfica e cénica, de Paolo Pasolini ou de Michael Haneke por exemplo, são importantes na construção dos ambientes das suas imagens. Talvez seja por causa da familiaridade dessa mesma estética que permeia cada imagem uma sensação estranha de *déjà-vu*, como se já conhecêssemos aqueles personagens e aqueles espaços.

As arquiteturas modernistas onde fotografa, normalmente de instituições culturais ou governamentais - espaços de cidadania coletiva-, tornam-se não apenas em cenários, mas também em sujeitos das suas imagens. Aparentemente familiares, são transformados em lugares deslocados, fora do tempo ou mesmo sem tempo, assustadores, alienantes e ameaçadores.

Nas obras presentes nesta exposição, fotografou na Fundação Calouste Gulbenkian. Imagino que para alguns visitantes, as cadeiras, as grandes janelas, a relação entre o interior e o exterior do edifício e mesmo o auditório, sejam conhecidas. Contudo, para Welsh, estes espaços são apenas um ponto de partida. Todas as suas imagens são profunda e cuidadosamente trabalhadas digitalmente, de tal maneira que já não são aqueles espaços, nem aquelas pessoas. Um trabalho quase como se fosse um pintor. Ele serve-se de um arquivo fotográfico que transforma posteriormente. O reconhecimento que pensamos encontrar é apenas desejo. Mas essa ambiguidade entre o conforto de uma familiaridade com a estranheza e aspereza quer dos espaços, quer das pessoas, é característica central na obra de Welsh. Ele perturba a nossa experiência enquanto espectadores. Claro que somos espectadores emancipados, à maneira de Jacques Rancière, espectadores que observamos e fazemos ligações, leituras, independente das intenções

do autor. Mas sinto que Welsh joga (ou manipula) exatamente com a nossa emancipação, com a nossa capacidade de ativarmos as experiências e encontros passados, ao subverter esse familiar, a normalidade das aparências, e ao abrir uma brecha nessa ficção, criando uma deslocação que confronta a ansiedade daquelas personagens, daqueles espaços, com a nossa.

No seu livro *Strangers to Ourselves*<sup>1</sup> Julia Kristeva defende que a experiência de estranheza e de despersonalização é uma parte integral da construção da subjetividade contemporânea, e que vivemos permanentemente na tensão entre identificação e rejeição. Podemos pensar que a construção do eu, da subjetividade de cada um é uma fronteira frágil, em constante movimento e transformação e profundamente definida pela experiência do outro.

Nas fotografias de Jaime Welsh, as personagens aparecem quase sempre sós, ou com duplos, alienadas, perdidas nos seus pensamentos, ausentes. Os seus são olhares fixos, vidrados, alheados, como se apenas a carcaça da sua pela ali estivesse. Não são apenas as personagens de Welsh que se sentem sós; cada um de nós, mesmo imersos na possibilidade de estarmos conectados com o mundo 24h, vive cada vez mais isolados, fechados em nós próprios. Cada dia, no Facebook são partilhadas mais de 500 milhões de histórias por dia, o mesmo número de contas, publicações ativas no Instagram diariamente. Apesar desta constante interação, sensação de estarmos conectados, o sentimento de solidão é outra parte substancial da construção da nossa sociedade.

As obras desta exposição falam-nos do sentimento de profunda de solidão como um sinónimo (ou sintoma) da vida contemporânea. E talvez seja por nos revermos e estranhamente sentirmos empatia por aquelas personagens que as suas obras nos tocam tão impiedosamente.

**Filipa Oliveira**

1 Julia Kristeva, *Strangers to Ourselves*, trans. Leon S. Roudiez (New York: Columbia University Press, 1991,